

## **A infecção do HIV/AIDS em lésbicas na capital do estado do Pará entre 2007 e 2018**

### **HIV/AIDS reported cases in lesbians in the capital of the state of Pará between 2007 and 2018**

DOI:10.34119/bjhrv5n2-244

Recebimento dos originais: 14/01/2022

Aceitação para publicação: 28/02/2022

#### **Carlos Jaime Oliveira Paes**

Acadêmico de Medicina

Instituição: Universidade do Estado do Pará

Endereço: Avenida Hileia, 379 – Amapá, CEP: 68502-100, Marabá, PA, Brasil

E-mail: carlos.paes@live.com

#### **Marcelle Agra de Freitas**

Acadêmica de Medicina

Instituição: Universidade do Estado do Pará

Endereço: Avenida Hileia, 379 – Amapá, CEP: 68502-100, Marabá, PA, Brasil

E-mail: marcelleagraf@gmail.com

#### **Ariel Tavares Santiago**

Acadêmico de Medicina

Instituição: Universidade do Estado do Pará

Endereço: Avenida Hileia, 379 – Amapá, CEP: 68502-100, Marabá, PA, Brasil

E-mail: ariel.tav.santiago@gmail.com

#### **Michele Pereira da Trindade Vieira**

Enfermeira Especialista em Saúde Pública

Instituição: Universidade do Estado do Pará

Endereço: Avenida Hileia, 379 – Amapá, CEP: 68502-100, Marabá, PA, Brasil

E-mail: Michele.trindade@uepa.br

#### **Andréia Cardoso da Silva**

Acadêmica de Medicina

Instituição: Universidade do Estado do Pará

Endereço: Avenida Hileia, 379 – Amapá, CEP: 68502-100, Marabá, PA, Brasil

E-mail: andreiacardoso29@gmail.com

#### **Adriana Cardoso da Silva**

Médica Generalista

Instituição: Universidade do Estado do Pará

Endereço: Avenida Hileia, 379 – Amapá, CEP: 68502-100, Marabá, PA, Brasil

E-mail: dricacs95@gmail.com

**Kessia Castro de Sousa**

Acadêmica de Medicina

Instituição: Universidade do Estado do Pará

Endereço: Avenida Hileia, 379 – Amapá, CEP: 68502-100, Marabá, PA, Brasil

E-mail: kessianic1@gmail.com

**Samuel Cardoso Sá**

Médico Generalista

Instituição: Universidade do Estado do Pará

Endereço: Avenida Hileia, 379 – Amapá, CEP: 68502-100, Marabá, PA, Brasil

E-mail: samuelcardososa@outlook.com

**RESUMO**

As mulheres brasileiras representam 30% dos casos de HIV/AIDS do país. No Brasil há grande disparidade regional de IDH e cobertura dos serviços de saúde. A epidemia entre as mulheres que fazem sexo exclusivamente com mulheres é desconhecida, gerando assim uma situação de fragilidade para caracterização da infecção/doença nessa parcela da população. Devido à escassez de estudos sobre a saúde sexual entre mulheres lésbicas e a infecção do HIV/AIDS, o presente estudo visa contribuir para a compreensão do cenário epidemiológico da infecção/doença entre mulheres que fazem sexo com mulheres e verificar de que forma as políticas públicas contribuem para prevenção desta infecção sexualmente transmissível. Objetivo: Analisar o perfil epidemiológico e a série temporal das taxas de diagnóstico do HIV/AIDS entre lésbicas no período de 2007-2018 na capital do estado do Pará. Métodos: é um estudo descritivo e transversal com abordagem quantitativa. A população do estudo foi composta por todos os casos de lésbicas diagnosticadas e notificadas com HIV/AIDS pela Secretaria do Estado de Saúde do Pará (SESPA) no período de 2007-2018. Foram excluídas do estudo aquelas que se autodeclararam bissexuais. Resultados: A maioria das mulheres que fazem sexo com mulheres com HIV/AIDS possuíam entre 25-29 anos (20,9%), se autodeclararam pardas (69,3%), estudaram até o ensino fundamental (46,8%) e apresentavam empregos que não necessitam de escolaridade elevada. Todas foram notificadas como AIDS e entre 2016-2018 ocorreram a maioria dos casos. A exposição sexual foi predominante, sendo que apenas duas referiram atividade sexual sem proteção com homens. Conclusão: é necessário reconhecer as especificidades e os riscos que mulheres que fazem sexo com mulheres se expõem e discutir métodos de prevenção do HIV/AIDS. Assim será possível criar políticas públicas eficazes e adequadas.

**Palavras-chave:** minorias sexuais e de gênero, aids, hiv, educação sexual.

**ABSTRACT**

Brazilian women represent 30% of the country's HIV/AIDS cases. In Brazil there is great regional disparity in HDI and coverage of health services. The epidemic among women who have sex exclusively with women is unknown, thus creating a situation of fragility for characterizing the infection/disease in this part of the population. Due to the scarcity of studies on sexual health among lesbian women and HIV/AIDS infection, the present study aims to contribute to the understanding of the epidemiological scenario of infection/disease among women who have sex with women and to verify how public policies contribute to the prevention of this sexually transmitted infection. Objective: To analyze the epidemiological profile and time series of HIV/AIDS diagnosis rates among lesbians in the period 2007-2018 in the capital of the state of Pará. Methods: this is a descriptive and cross-sectional study with a quantitative approach. The study population consisted of all lesbian cases diagnosed and reported with

HIV/AIDS by the Pará State Health Department (SESPA) in the period 2007-2018. Those who self-reported as bisexual were excluded from the study. Results: Most women who have sex with women with HIV/AIDS were between 25-29 years old (20.9%), self-declared brown (69.3%), studied up to elementary school (46.8%) and had jobs that did not require high schooling. All were reported as AIDS and between 2016-2018 the majority of cases occurred. Sexual exposure was predominant, with only two reporting unprotected sexual activity with men. Conclusion: it is necessary to recognize the specificities and risks that women who have sex with women are exposed to and discuss HIV/AIDS prevention methods. Thus, it will be possible to create effective and adequate public policies.

**Keywords:** sexual and gender minorities, aids, hiv, sex education.

## 1 INTRODUÇÃO

Há no mundo cerca de 37,7 milhões de pessoas vivendo com o vírus da imunodeficiência humana (HIV) e 53% destes indivíduos são mulheres (UNAIDS, 2021). Entre 2007 até junho de 2021 foram notificados no Brasil 381.793 casos de HIV/aids (síndrome da imunodeficiência humana). As mulheres representam 30% dos casos. Sendo que a região norte apresentou 7,7% dos casos, com 29.545 indivíduos infectados (BRASIL, 2021).

O Brasil, um dos treze países da América do Sul é formado por 26 estados e o distrito federal. Possui 5.568 municípios e uma população feminina estimada em 86.833.835 mulheres com idade igual ou superior há 15 anos. O país tem o 84º índice de desenvolvimento humano (IDH) do mundo (PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2020).

Sendo um país de dimensões continentais, há grande disparidade regional de IDH e cobertura dos serviços de saúde, sendo que a região norte apresenta o menor IDH (0,719) entre as cinco regiões (GIOVANELLA *et al.*, 2020).

O Pará atualmente é o sexto estado com maior número de casos no país, sendo que Belém, sua capital, figura em terceiro lugar. Ao avaliar o índice composto entre 2016-2020, Belém é a capital com maior incidência da infecção/doença (BRASIL, 2021).

Segundo Oliveira e Nery (2016) as mulheres que fazem sexo com mulheres (MSM) sofrem as consequências das representações sociais que recaem sobre elas, suas atitudes e práticas sociais. Consideradas desviantes ao padrão da heteronormalidade moralmente vigente.

Entre os métodos de prevenção das infecções sexualmente transmissíveis (IST's) entre mulheres que fazem sexo com mulheres destacam-se o uso de preservativo masculino e feminino, luvas e *dental dam*, uma barreira de látex ou poliuretano usado entre a boca e a vagina ou ânus durante a prática sexual oral-vaginal ou oral-anal (SBMFC, 2018).

A invisibilidade da mulher *cis* lésbica foi corroborada durante a epidemia de AIDS pela ênfase ao risco de infecção entre homens que fazem sexo com homens, sendo estes identificados como os que possuíam maior risco de infecção na década de 80 (LIMA e SALDANHA, 2020).

Para Lima e Saldanha (2020) a epidemia de HIV/aids entre as mulheres que fazem sexo exclusivamente com mulheres é desconhecida, gerando assim uma situação de fragilidade para caracterização da epidemia nessa parcela da população.

Melo *et al.* (2011) mencionam que o “Programa Brasil Sem Homofobia” de 2004 é um marco sobre as iniciativas governamentais para a saúde das lésbicas. Traçando 53 ações, sendo destas, três sobre a saúde dessa população, focadas na criação de um comitê técnico de saúde, capacitação de profissionais de saúde no atendimento e a produção de conhecimentos sobre a saúde da população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais).

Em 2009 foi criada a política nacional de saúde integral LGBT. Sendo que em 2011, a portaria nº 2.836 instituiu no âmbito do SUS (Sistema Único de Saúde) a Política Nacional de Saúde Integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (BRASIL, 2011). O objetivo desta política é promover a saúde integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, eliminando a discriminação e o preconceito institucional, bem como contribuir para a redução das desigualdades e a consolidação do SUS como sistema universal, integral e equitativo (BRASIL, 2013).

De acordo com Gomes (2022), nos últimos anos alguns grupos LGBT perderam sobremaneira o investimento público para atuar contra a AIDS. Um dos entrevistados em sua pesquisa menciona que “*antigamente nós tínhamos um trabalho junto à secretaria de Saúde do Estado [sobre a AIDS] e hoje não tem mais*”.

Devido à escassez de estudos sobre a saúde sexual entre mulheres lésbicas e a infecção do HIV/AIDS nesta população, o presente estudo visa contribuir para a compreensão do cenário epidemiológico da infecção/doença entre mulheres que fazem sexo com mulheres e verificar de que forma as políticas públicas contribuem para prevenção desta infecção sexualmente transmissível.

## 2 OBJETIVO

Analisar o perfil epidemiológico de lésbicas notificadas com HIV/Aids no período de 2007 a 2018 em Belém do Pará.

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa trata-se de um estudo descritivo e transversal com abordagem quantitativa. Segundo Hochman *et al.* (2005) esse tipo de estudo visa descrever as características de um grupo de pessoas. Já os estudos transversais objetivam a descrição de uma situação ou fenômeno e não necessitam investigar o tempo de exposição para que os agentes causais expressem seus efeitos.

No que concerne ao cenário em que o estudo foi desenvolvido, Belém é a maior capital da região Norte do Brasil. Possui uma área territorial de 1.248.000 Km<sup>2</sup>, com uma população estimada em 8.777.124 pessoas. Belém é dividida em porção continental e porção insular. A porção continental é dividida em oito regiões distritais administrativas e as porções insulares em 39 ilhas (IBGE, 2021).

A população do estudo foi composta por todos os casos de lésbicas diagnosticadas e notificadas com HIV/Aids pela Secretaria do Estado de Saúde do Pará (SESPA) no período de 2007 a 2018. Foram excluídas do estudo aquelas que se autodeclararam bissexuais e cujos os municípios de residências não eram em Belém.

As variáveis analisadas foram: número de notificação, idade, raça/cor, escolaridade, ocupação, agravo notificado, ano de notificação e formas de exposição ao vírus HIV/AIDS. Os dados foram coletados no período de julho de 2019. Os dados foram agrupados por ano e duplamente checados. Todas as redundâncias e notificações duplicadas foram corrigidas e excluídas, respectivamente.

Os dados foram analisados no programa Excel 2013, através de análise estatística descritiva. Os resultados foram apresentados em formas de tabelas em frequência absoluta (n) e relativa (%).

Este estudo foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos da Universidade Federal do Pará, do Instituto de Ciências da Saúde, com parecer favorável de CAAE 10821819.0.0000.0018. Foi regido pelas determinações das diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, e em conformidade com a resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No período de janeiro de 2007 a dezembro de 2018, foram notificados em Belém 6.106 casos de HIV/aids. Destes, 1.804 eram do sexo feminino. Sendo que 21 mulheres se declararam bissexuais e 62 homossexuais. As últimas compuseram a população do estudo, com a idade variando entre 17 e 68 anos. A Tabela 1 apresenta as características sociodemográficas das

lésbicas notificadas com HIV/Aids, em que a maioria delas tinha idade entre 25 e 29 anos (20,9%), eram da raça/cor parda (69,3%), tinham o ensino fundamental incompleto (32,3%) e possuíam como ocupação do lar/doméstica (25,8%).

Tabela 1. Características sociodemográficas das mulheres lésbicas diagnosticadas com HIV/aids na Capital do estado do Pará entre 2007-2018.

<b>CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS</b>		
<b>VARIÁVEIS</b>		
<b>Idade</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
15-19 anos	4	6,5
20-24 anos	4	6,5
25 - 29 anos	13	20,9
30 - 34 anos	4	6,5
35 - 39 anos	8	12,9
40 -44 anos	10	16,1
45 - 49 anos	8	12,9
50 - 54 anos	4	6,5
55 - 59 anos	1	1,6
60 anos ou mais	6	9,6
<b>Total</b>	<b>62</b>	<b>100</b>
<b>Raça/Cor</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Branca	4	6,5
Parda	43	69,3
Preta	7	11,3
Ignorada	8	12,9
<b>Total</b>	<b>62</b>	<b>100</b>
<b>Escolaridade</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Superior Completo	1	1,6
Superior Incompleto	2	3,2
Ensino Médio Completo	14	22,5
Ensino Fundamental Completo	9	14,5
Ensino Fundamental Incompleto	20	32,3
Ignorado	16	25,9
<b>Total</b>	<b>62</b>	<b>100</b>
<b>Ocupação</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Atendente/Recepcionista	1	1,6
Cabelereira	1	1,6
Comerciante	3	4,8
Cozinheira	2	3,2
Diretora	1	1,6
Do lar	11	17,7
Doméstica	5	8,1
Estudante	6	9,9
Militar	1	1,6
Motorista	1	1,6
Pescadora	1	1,6
Pintora	1	1,6
Professora	1	1,6
Ignorada	28	45,1
<b>Total</b>	<b>62</b>	<b>100</b>

Fonte: Secretaria de Estado da Saúde do Pará, 2021.

Andrade *et al.* (2020) constataram que mulheres que fazem sexo com mulheres são vulneráveis ao HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis e não se percebem desta forma. A idade das mulheres infectadas em seu estudo, era igual ou inferior a 24 anos. Contudo,

de acordo com Brasil (2021), 47,8% dos casos do sexo feminino pertencem a faixa etária de 25-39 anos. Comparando a incidência do HIV/AIDS entre 2010 e 2020, verificamos a redução nas taxas de detecção em todas as faixas etárias entre as mulheres.

Em relação a raça/cor, 69,3% das mulheres estudadas se autodeclararam pardas. No Brasil, os casos mais prevalentes são entre mulheres negras (BRASIL, 2021). Destaca-se que 12,9% da amostra teve esta informação ignorada na notificação. Cerca de 25% das notificações do país também tiveram este achado. A maioria das mulheres possuía nível de escolaridade baixa, com o ensino fundamental completo (14,5%) ou incompleto (32,3%), sendo as taxas no Brasil de 7,5% e 20,2%, respectivamente (BRASIL, 2021).

A ocupação das mulheres estudadas é sobretudo representada por aquelas que necessitam de baixa escolaridade. Há predomínio de mulheres do lar/doméstica (25,8%) e estudantes (9,9%). Mafra *et al.* (2016), ao analisar a ocupação de mulheres HIV/AIDS positivas, verificaram que apenas 29,1% possuíam trabalhos formais.

Os agravos notificados, se HIV ou Aids, e o ano de notificação são mostrados na Tabela 2. Verificamos que 100% das notificações são de Aids. Para Lazarotto, Derez e Sprinz (2010) a infecção do HIV se dá pela transmissão do vírus através de fluidos corporais como sêmen, secreção vaginal, leite materno e sangue. E é identificada pela positividade sorológica. Para Brasil (2021), AIDS é a condição caracterizada pelo teste sorológico para HIV positivo, imunodeficiência quantificada por linfócitos T CD4 + menor que 350 células por mm<sup>3</sup> e/ou presença de infecções oportunista.

Tabela 2. Agravos e Ano de Notificação de mulheres lésbicas diagnosticadas com HIV/aids na Capital do estado do Pará entre 2007-2018.

NOTIFICAÇÕES		
Agravo Notificado	n	%
HIV	0	0
AIDS	62	100
<b>Total</b>	<b>62</b>	<b>100</b>
Ano da Notificação	n	%
2018	11	17,7
2017	16	25,9
2016	11	17,7
2015	5	8,1
2014	2	3,2
2013	5	8,1
2012	2	3,2
2011	3	4,8
2010	0	0
2009	3	4,8
2008	2	3,2
2007	2	3,2
<b>Total</b>	<b>62</b>	<b>99,9</b>

Fonte: Secretaria de Estado da Saúde do Pará, 2021.

É fundamental a expansão da testagem assim como tornar o tratamento precoce uma realidade de forma universal, quebrando assim a cadeia de transmissão. É preocupante que 100% da população estudada seja diagnosticada já com a síndrome de imunodeficiência humana.

De acordo com Castro (2020) a AIDS em países que ofertam a terapia antirretroviral (TARV), como o Brasil, é considerada uma doença crônica e assim ocorre uma expressiva melhora na qualidade de vida das pessoas que vivem com HIV/AIDS (PVHIV).

Observa-se um aumento das notificações a partir do ano de 2013. De 2007 a 2012, houve uma média de 2 (+/- 1) notificações de AIDS por ano entre as lésbicas, enquanto de 2013 a 2018 essa média foi de 8,33 (+/- 4,75). O ano com maior número de notificações foi 2017 (16 notificações, 25,6). Não houveram casos notificados em 2010 em Belém entre mulheres que fazem sexo com mulheres. No boletim epidemiológico de HIV/aids não há dados específicos sobre essa população. Contudo, os anos com maior número de casos do presente estudo, coincidem com o aumento da incidência no estado do Pará entre as mulheres de forma geral.

As formas de transmissão do HIV/aids estão demonstradas na Tabela 3. Verificou-se que o risco com uso de drogas injetáveis estava presente em 1,6% da amostra. Contudo, 100% delas tiveram exposição ao risco de infecção via atividade sexual.

Tabela 3. Tipo de exposição ao vírus do HIV, entre mulheres lésbicas diagnosticadas com HIV/aids na Capital do estado do Pará entre 2007-2018.

FORMAS DE TRANSMISSÃO			
Variáveis	Exposição	Ignorado	%
Acidente de Trabalho	0	3	0
Sexual	62	0	100
Drogas	1	3	1,6
Transfusão Sanguínea	0	3	0
Vertical	0	5	5

Fonte: Secretaria de Estado da Saúde do Pará, 2021.

Segundo Pereira *et al.* (2014) as mulheres soropositivas têm como principais formas de exposição ao HIV/aids o uso de drogas, álcool e união estável. Na Tabela 4, observamos que 3,2% das mulheres estudadas tiveram atividade sexual com homens.



Tabela 4. Formas de exposição sexual entre mulheres lésbicas diagnosticadas com HIV/aids na Capital do estado do Pará entre 2007-2018.

EXPOSIÇÃO SEXUAL		
Variáveis	n	%
Sexo com Homens	2	3,2
Sexo com Mulheres	62	100

Fonte: Secretaria de Estado da Saúde do Pará, 2021.

No estudo realizado por Oliveira *et al.* (2017) detectou-se que 19,78% das mulheres que fazem sexo com mulheres não acham que o HIV pode ser transmitido entre duas mulheres.

Constata-se que a via sexual é a forma de transmissão mais importante entre o grupo de indivíduos estudados. Assim, discutir métodos de prevenção da infecção de HIV/AIDS entre mulheres que fazem sexo com mulheres se mostra uma emergência.

A percepção de ausência de políticas e ações de prevenção ao HIV/AIDS entre mulheres lésbicas está relacionada a inviabilização social deste público (BATISTA e ZAMBENEDETTI, 2017).

O uso de métodos de barreira de proteção é menos utilizado quando a estimulação sexual se dá de forma genital digital, do que quando elas utilizam brinquedos sexuais. Mulheres em relacionamentos monogâmicos são menos propensas a utilização da camisinha (ROWEN *et al.* 2013).

Metade das lésbicas e bissexuais não conhecem os métodos de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis que devem ser utilizadas nas relações entre mulheres que fazem sexo com mulheres. E entre as que conhecem, 77,5% referiram não os utilizar (SILBERMAN, BUEDO e BURGOS, 2016).

Ainda de acordo com Oliveira *et al.* (2017) ao verificar sobre as práticas utilizadas para prevenção do HIV/AIDS, somente 43,96% das mulheres já utilizaram preservativo feminino, 60,4% tiveram relação sexual desprotegida durante a menstruação, 54,94% compartilham acessórios sexuais durante as relações e 41,76% dessas mulheres nunca fizeram teste sorológico para HIV/AIDS.

Para Palma e Orcasita (2018) há um baixo índice do uso de medidas preventivas na prática de sexo oral-genital entre mulheres que fazem sexo com mulheres. Assim como o uso de preservativos. Rufino *et al.* (2018) mencionam que o uso infrequente de método de barreira entre mulheres que fazem sexo com mulheres é um fator de vulnerabilidade para IST.

Lima e Saldanha (2020) ao pesquisarem sobre os elementos que influenciam na vulnerabilidade de lésbicas as IST, verificaram que elas reconhecem o risco de infecção no sexo

entre mulheres, mas ainda assim, conferem à presença masculina um maior risco. Levantou-se a hipótese entre elas de proteção em decorrência do seu gênero ser mais cuidadoso com a saúde.

Andrade *et al.* (2020) verificaram que mulheres que fazem sexo com mulheres tem um antecedente de IST baixo, contudo, este achado pode estar relacionado à reduzida realização de exames sorológicos e também à não adesão as ações de prevenção e promoção de saúde que realizam o rastreio destas infecções.

Mulheres que fazem sexo com mulheres também referem que orientações de prevenção são negligenciadas, como utilizar preservativo feminino com outra mulher. É recorrente a queixa de ausência de orientações por parte dos profissionais sobre métodos de prevenção às IST (LIMA e SALDANHA, 2020).

Há quem mencione a sensação de que os profissionais de saúde não se importam com as especificidades desta população (LIMA e SALDANHA, 2020). Portanto, ressalta-se a necessidade de capacitação dos profissionais para atuar frente as demandas dessa minoria. Temas que devem ser debatidos desde a formação dos mesmos.

## 5 CONCLUSÃO

Nossos resultados mostraram 62 casos de Aids notificados entre lésbicas em Belém, com aumento substancial de notificações a partir do ano de 2013. A maioria da população do estudo estava na faixa etária de 25 a 29 anos, era da cor/raça parda, possuía baixa escolaridade, e tinha como ocupação do lar/domestica. A principal via de transmissão do HIV foi a sexual, com a minoria reportando ter tido relação sexual com homem.

Os dados do boletim epidemiológico sobre HIV/AIDS do país, não sinalizam a incidência da doença entre mulheres que fazem sexo com mulheres, sugerindo a fragilidade da vigilância epidemiológica sobre o impacto da epidemia sobre as lésbicas. Para que políticas públicas eficazes e específicas para essas mulheres sejam traçadas, é fundamental o reconhecimento de suas especificidades.

Para o combate a epidemia do HIV entre as lésbicas, faz-se necessário o combate ao estigma e preconceito social contra esse público. A promoção a saúde sexual desse público deve ser empregada pelos profissionais de saúde, de educação e abordadas nas campanhas midiáticas utilizadas pelas autoridades de saúde.

A escassez de estudos nesta temática evidenciada pelos autores deste estudo durante a revisão de literatura, reforça a necessidade de outros estudos que abordem as IST entre mulheres que fazem sexo com mulheres visando ampliar ainda mais a promoção da saúde sexual delas.

## REFERÊNCIAS

Andrade, Juliane et al. Vulnerabilidade de mulheres que fazem sexo com mulheres às infecções sexualmente transmissíveis. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2020, v. 25, n. 10 [Acessado 12 Março 2022], pp. 3809-3819. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.03522019>>. Epub 28 Set 2020. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.03522019>.

BATISTA, Monique Cristina Henares e ZAMBENEDETTI, Gustavo. Uma pesquisa-intervenção sobre prevenção de IST/HIV com mulheres lésbicas e bissexuais. **Psicol. pesq.** [online]. 2017, vol.11, n.2 [citado 2022-03-13], pp. 42-50. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-12472017000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472017000200006&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 1982-1247. <http://dx.doi.org/10.24879/2017001100200180>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico HIV/AIDS 2021; Brasília, 2021. Acessado em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo\\_clinico\\_manejo\\_hiv\\_adultos.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_clinico_manejo_hiv_adultos.pdf).

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Brasília 2013. Acessado em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_saude\\_lesbicas\\_gays.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf).

BRASIL. Portaria Nº 2.836, de Dezembro de 2011. Institui no âmbito do SUS a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (Política Nacional de Saúde Integral LGBT).

CASTRO, Sybelle de Souza et al . Tendência temporal dos casos de HIV/aids no estado de Minas Gerais, 2007 a 2016. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 29, n. 1, e2018387, mar. 2020. Disponível em <[http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-49742020000100021&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742020000100021&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 12 mar. 2022. Epub 13-Mar-2020. <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742020000100016>.

Giovanella, L., A. Bousquat, S. Schenkman, P.F. Almeida, L.M.V. Sardinha, M.L.F. P. Vieira. 2021. "The family health strategy coverage in Brazil: what reveal the 2013 and 2019 national health surveys." **Cienc Saude Coletiva** 6(1):2543-2556. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021266.1.43952020>.

Gomes, Romeu. Narrativas do movimento homossexual brasileiro sobre a saúde de gays e lésbicas. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2022, v. 27, n. 02 [Acessado 13 Março 2022], pp. 555-565. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232022272.05062021>>. Epub 02 Fev 2022. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022272.05062021>.

Hochman, Bernardo et al. Desenhos de pesquisa. **Acta Cirúrgica Brasileira** [online]. 2005, v. 20, suppl 2 [Acessado 12 Março 2022], pp. 2-9. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-86502005000800002>>. Epub 04 Nov 2005. ISSN 1678-2674. <https://doi.org/10.1590/S0102-86502005000800002>.

Lazzarotto, Alexandre Ramos, Deresz, Luís Fernando e Sprinz, Eduardo. HIV/AIDS e Treinamento Concorrente: a Revisão Sistemática. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**

[online]. 2010, v. 16, n. 2 [Acessado 12 Março 2022] , pp. 149-154. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-86922010000200015>>. Epub 29 Abr 2010. ISSN 1806-9940. <https://doi.org/10.1590/S1517-86922010000200015>.

Lima, Michael Augusto Souza de e Saldanha, Ana Alayde Werba(In)visibilidade Lésbica na Saúde: Análise de Fatores de Vulnerabilidade no Cuidado em Saúde Sexual de Lésbicas. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2020, v. 40 [Acessado 12 Março 2022] , e202845. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003202845>>. Epub 25 Nov 2020. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003202845>.

Mafra, Rogério Luís Pereira et al. Aspectos de gênero e vulnerabilidade ao HIV/aids entre usuários de dois dos Serviços de Atendimento Especializado em DST/aids de São Luís, Maranhão11Pesquisa financiada pela Unesco através da chamada para seleção de pesquisas sobre população negra e HIV/Aids nº 2/2005, do Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde/Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPPIR)/UNESCO. **Saúde e Sociedade** [online]. 2016, v. 25, n. 3 [Acessado 12 Março 2022], pp. 641-651. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-129020162580>>. ISSN 1984-0470. <https://doi.org/10.1590/S0104-129020162580>.

Mello, Luiz et al. Políticas de saúde para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil: em busca de universalidade, integralidade e equidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)** [online]. 2011, n. 9 [Acessado 13 Março 2022] , pp. 7-28. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1984-64872011000400002>>. Epub 16 Dez 2011. ISSN 1984-6487. <https://doi.org/10.1590/S1984-64872011000400002>.

Oliveira, Adélia Dalva da Silva. Nery, Inez Sampaio. Mulheres que fazem sexo com mulheres: atitudes e práticas sobre prevenção ao HIV/AIDS. **Revista de Enfermagem da UFPI**. Teresina; 2016. Jul-Set; 5 (3): 10-17. Disponível em: <https://www.ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/5177/pdf>. Acesso em 12 mar. 2022.

Palma, Diana Marcela y Orcasita, Linda Teresa“La solución es la tijera”: Programa de Salud Sexual para Mujeres Lesbianas y Bisexuales. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** [online]. 2018, v. 34 [Accedido 13 Marzo 2022], e34419. Disponible en: <<https://doi.org/10.1590/0102.3772e34419>>. Epub 29 Nov 2018. ISSN 1806-3446. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e34419>.

Pereira, Bianca de Souza et al. Fatores associados à infecção pelo HIV/AIDS entre adolescentes e adultos jovens matriculados em Centro de Testagem e Aconselhamento no Estado da Bahia, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2014, v. 19, n. 03 [Acessado 12 Março 2022], pp. 747-758. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.16042013>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.16042013>.

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS. “Relatório de Desenvolvimento Humano - 2020”. <https://hdr.undp.org/en/2020-report>. Acessado em: 07 de março. 2022.

Rowen T, Breyer B, Lin T, Li C, Robertson P, Shindel A. Uso de proteção de barreira para atividade sexual entre mulheres que fazem sexo com mulheres. **Int J Gynaecol**. 2013; 120(1):42-5. doi: 10.1016/j.ijgo.2012.08.011.

Rufino, Andréa Cronemberger et al. Práticas sexuais e cuidados em saúde de mulheres que fazem sexo com mulheres: 2013-2014\* \* Estudo financiado com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)/Ministério da Ciência Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC): Processo no 472995/2013-8. . **Epidemiologia e Serviços de Saúde [online]**. 2018, v. 27, n. 4 [Acessado 13 Março 2022] , e2017499. Disponível em: <<https://doi.org/10.5123/S1679-49742018000400005>>. Epub 08 Nov 2018. ISSN 2237-9622. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742018000400005>.

SILBERMAN, Pedro; BUEDO, Paola E; BURGOS, Lucrecia M. Barreras na atenção à saúde sexual na Argentina: percepção das mulheres que têm sexo com mulheres. **Rev. salud pública** , Bogotá , v. 18, n. 1, pág. 1 a 12 de janeiro de 2016 .Disponível em <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0124-00642016000100001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124-00642016000100001&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 13 de março de 2022.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA DE FAMÍLIA E COMUNIDADE. Mulheres lésbicas precisam de orientação quanto a infecções sexualmente transmissíveis?. **Grupo de Trabalho de Gênero, Sexualidade, Diversidade e Direitos da SBMFC**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://www.sbmfc.org.br/noticias/mulheres-lesbicas-precisam-de-orientacao-quanto-a-infeccoes-sexualmente-transmissiveis/>>. Acesso em 13 mar. 2022.  
UNAIDS. Global HIV & AIDS statistics — “Fact sheet. UNAIDS. Org. 2021”. <https://www.unaids.org/en/resources/fact-sheet>. Accessed 07 March 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Belém: IBGE, 2021.

Oliveira, Adélia Dalva da Silva; Nery, Inez Sampaio; Gir, Elucir; Araújo, Telma Maria Evangelista; Barros Junior, Francisco de Oliveira. Conhecimentos, Atitudes e Práticas sobre HIV/AIDS de mulheres que fazem sexo com mulheres. Recife, 2017. [Acessado 12 Março 2022] **Revista de Enfermagem da UFPE online**. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/23447/19154>